HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

A REVISTA BEM-TE-VI E A EDUCAÇÃO PARA OS INDÍGENAS NA RESERVA DE DOURADOS/MT NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

BEM-TE-VI MAGAZINE AND EDUCATION FOR INDIGENOUS PEOPLE IN THE DOURADOS / MT RESERVE IN THE FIRST HALF OF THE XX CENTURY

Cristiane Pereira PERES[1]
Alessandra Cristina FURTADO[2]

Resumo: O projeto de civilização e educação desenvolvido pelos missionários protestantes na primeira metade do século XX para as etnias, Kaiowá, Guarani e Terena da Reserva Indígena de Dourados (RID), região Sul de Mato Grosso (MT), contou com a circulação da revista metodista *Bem-te-vi,* a partir de 1922. Assim, o artigo analisa a educação ministrada aos indígenas nesse período com base nos conteúdos abordados na Revista, buscando relacionar o projeto de educação à teoria positivista. Para compor as análises realizadas neste texto, foi preciso recorrer a documentos do Posto Indígena Francisco Horta, disponíveis nos arquivos do Museu do Índio do Rio de Janeiro, ao jornal protestante *O Estandarte,* disponibilizado para consulta *online* e a revista *Bem-te-vi. Os* resultados apontaram que a imprensa evangélica contribuiu com o projeto de educação, evangelização e "civilização" direcionado aos indígenas, por meio de conteúdos. Assim, podemos constatar que essa imprensa priorizava a formação de sujeitos cristãos e civilizados, alcançando desse modo, o estado de desenvolvimento.

Palavras-chave: História da educação. Ensino para os indígenas. Revista Bem-te-vi. Positivismo.

Abstract: The civilization and education project developed by Protestant missionaries in the first half of the 20th century for the ethnic groups, Kaiowá, Guarani and Terena of the Indigenous Reservation of Dourados (RID), in the southern region of Mato Grosso (MT), had the circulation of the Methodist magazine Bem-te-vi, from 1922. Thus, the article analyzes the education given to the indigenous people in this period based on the contents covered in the Magazine, seeking to relate the education project to the positivist theory. In order to compose the analyzes carried out in this text, it was necessary to resort to documents from the

[1] Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Doutoranda em Educação pela UFGD. Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES). E-mail: cristiapereira@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5906-2834

[2] Doutorado e Pós-Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP). Professora Associada II da Faculdade de Educação da FAED/UFGD. Leciona nos Cursos de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado). É coordenadora do GT 2 – História da Educação da ANPED CO (2018-2020). Editora da Revista Educação e Fronteiras. Investiga temas ligados à História, História da Educação, Instituições Escolares, Formação Docente, Escola Normal e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES/UFGD). E-mail: alessandrafurtado@ufgd.edu.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6084-2299

e-ISSN: 2318-1540

Francisco Horta Indigenous Post, available in the archives of the Museu do Índio do Rio de Janeiro, the Protestant newspaper O Estandarte, available for online consultation and the magazine Bem-te-vi. The results showed that the evangelical press contributed to the education, evangelization and "civilization" project aimed at indigenous people, through content. Thus, we can see that this press prioritized the formation of Christian and civilized subjects, thus reaching the stage of development.

Keywords: History of education. Teaching to indigenous people. Bem-te-vi magazine. Positivism.

Introdução

Esse artigo busca analisar a educação ministrada aos indígenas na primeira metade do século XX para as etnias, Kaiowá, Guarani e Terena da Reserva Indígena de Dourados (RID), região Sul de Mato Grosso (MT), tomando como base os conteúdos da revista metodista *Bem-te-vi*, a partir de 1922, buscando relacionar o projeto de educação protestante à teoria positivista.

Cabe registrar aqui que pesquisas que analisam fontes de origem religiosa, só passaram a ser realizadas a partir da década de 1990 com as contribuições da Nova História Cultural, possibilitando no desenvolvimento dos procedimentos epistêmicos a seleção de novas fontes, objetos, sujeitos, recortes geográficos e temporais e análises que (re)conhecem, valorizam e respeitam os aspectos socioculturais dos sujeitos e instituições escolares. Assim, "O que em geral era tratado como fatos objetivos e absolutamente sociais, como gênero, classe ou comunidade, é agora considerado culturalmente 'construído' ou 'constituído" (BURKE, 2002, p. 167).

Visto que, as novas abordagens epistemológicas desenvolvidas em âmbito histórico, não representam "simplesmente a proposta de um novo conjunto de temas para investigação, mas um questionamento de métodos, fontes, abordagens e conceitos" (HUNT, 1992, p.13), que passou a compreender e (re) conhecer a importância da cultura na construção e configuração das relações sociais e educacionais e na escrita da história das instituições escolares.

Nesse sentido, na escrita da História da Educação, os pesquisadores vêm configurando um processo epistemológico renovado, ao selecionar revistas e jornais como fontes de

e-ISSN: 2318-1540

pesquisa. A imprensa periódica contribui então com novas leituras sobre o campo educacional por meio das informações divulgadas. Logo,

> Os impressos representam significativos mananciais de informações sobre o repertório de uma época e sobre os usos que dele faziam seus colaboradores. Nele se fazem presentes projetos, opiniões, conflitos e debates, que apontam a complexidade dos interesses e experiências dos indivíduos e dos contextos em que se inscrevem (SILVA; NASCIMENTO; ZICA, 2010, p. 223).

Deste modo, por meio das informações presentes nos impressos, é possível desenvolver novas investigações sobre as instituições escolares e os sujeitos, contribuindo com a escrita da História da Educação por meio de novos procedimentos historiográficos a partir do contato com fontes ainda pouco estudadas pelos pesquisadores da área da educação.

As análises a partir da teoria positivista desenvolvidas neste texto têm como referência as obras de Auguste Comte que integram a Coleção *Os Pensadores*, a saber: *Discurso Preliminar Sobre o Conjunto do Positivismo (1848)*[3] e *Catecismo Positivista (1852)*[4].

Nesse sentido, as reflexões acerca da educação para os indígenas aqui discutidas estão relacionadas à proposta de Comte, que a partir do paradigma positivista propõe reorganizar o modo de vida da sociedade, por meio da educação positiva. Avançando assim, os estados teológico e metafísico com o objetivo de alcançar o aperfeiçoamento do homem e garantir o progresso social (COMTE, 1848). Reorganização e modernização que também foram concebidas pela revista *Bem-te-vi* em seus conteúdos elaborados especificamente para as crianças.

Por meio do pensamento positivista, difundido com maior ênfase no Brasil entre os séculos XIX e XX, é possível apreender em âmbito educacional a busca pela reorganização da sociedade, via as análises da ciência positiva que defende o uso da razão e da observação, tendo em vista que a educação é uma atividade social. Nesse contexto de desenvolvimento individual e social, a revista *Bem-te-vi* contribuiu com o projeto de civilização e desenvolvimento idealizado e implementado pelos republicanos na primeira metade do século XX, que fizeram uso das referências positivistas.

[3] Aborda o paradigma positivista defendido pelo autor ao apresentar a teoria dos três estados: teológico, metafísico e científico (positivo).
[4] Apresenta a constituição positiva da unidade humana por meio do espírito positivo.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Deste modo, o paradigma positivista surge da necessidade de uma reorganização social pós Revolução Francesa (1789-1799). Porém, essa reorganização não seria possível sem uma reconstrução dos costumes e opiniões, caminhando, assim, para a ordem e o progresso. Tal reorganização ocorreu com o processo de escolarização dos indígenas da RID. O ensino foi desenvolvido pelos missionários protestantes, com o objetivo de "civilizar", integrar, alfabetizar e evangelizar as etnias indígenas, propondo, então, o desenvolvimento dessas pessoas por meio da imposição de novos costumes não indígenas, elegidos como sinônimos de civilidade e desenvolvimento, inseridos principalmente entre as crianças, denominadas na revista *Bem-te-vi* como os Bem-te-vistas.

De acordo com a teoria positiva, a educação dos indivíduos fragilizados economicamente seria necessária e importante para a manutenção da ordem, mediante a inculcação de um processo moral e na ideia de um progresso social. Princípios que foram difundidos pelos missionários protestantes na RID via a imprensa evangélica, por meio dos jornais, como *O Estandarte,* e revistas, como a *Bem-te-vi*.

Para realização deste estudo, recorremos a documentos do Posto Indígena Francisco Horta, disponíveis nos arquivos do Museu do Índio do Rio de Janeiro, ao jornal protestante *O Estandarte*[5]*,* disponibilizado para consulta *online* e a revista *Bem-te-vi,* a fim de compor as análises desenvolvidas neste texto.

O texto foi organizado em duas seções. A primeira apresenta contextos históricos da RID, da Missão Evangélica Caiuá (MEC) e da "escola da missão", e a segunda, aborda a presença do projeto de educação e "civilização" na "escola da missão" a partir dos conteúdos abordados pela revista *Bem-te-vi*.

A Reserva Indígena de Dourados e a Missão Evangélica Caiuá: com ênfase na "Escola da Missão"

No ano de 1917, foi criada, em Dourados, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a RID pelo Decreto nº 404 de 3 de setembro. O Decreto determinou uma área de 3.539 hectares,

[5] Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/0BwHcbmnX6hFnQmw2aVVPYkJIamc

e-ISSN: 2318-1540

sendo povoada pelas etnias Kaiowá, Guarani e Terena[6]. Na Reserva, em 1929, foi instalada a Missão Evangélica Caiuá, mantendo contatos de início principalmente com os indígenas das etnias Kaiowá e, posterior, Guarani e Terena. Os fundadores da Missão foram os missionários americanos, reverendo Alberto Sidney Maxwell e sua esposa Sra. Mabel Davis Maxwell, pertencentes à Igreja Presbiteriana. Também compuseram a primeira equipe missionária o agrônomo José da Silva, sua esposa Guilhermina da Silva (professora) e seu filho Erasmo, da Igreja Presbiteriana; o médico membro da Igreja Metodista Nelson de Araújo; o professor e dentista Esthon Marques membro da Igreja Presbiteriana Independente, que de modo assistencialista atendia os indígenas de forma espiritual, educacional, médica e social (O ESTANDARTE, 9 maio, 1929).

Nesse espaço, ao que se refere à história da "escola da missão", o contato inicial que os indígenas da RID tiveram com as aulas ministradas na MEC pelo professor Esthon Marques e pela professora Guilhermina Alves da Silva, foi por meio da alfabetização de adultos, entre os anos de 1929 e 1930 em espaço improvisado na sede do Posto Indígena Francisco Horta Barbosa. As reuniões religiosas e as aulas de escolarização marcaram a presença da escola na RID, em que passaram a inserir os indígenas em contextos de evangelização, "civilização" e alfabetização conduzidos pelos interesses dos missionários e dos agentes do Estado brasileiro de assimilação cultural e integração dos indígenas na sociedade nacional.

As primeiras tentativas de alfabetização dos adultos realizadas pelo professor Esthon Marques entre 1929 e 1930, não obtiveram sucesso, em razão da resistência dos indígenas no processo de alfabetização e evangelização. Logo, os missionários perceberam que para obterem êxito no projeto de escolarização dos indígenas, era preciso que a educação escolar fosse oferecida de início para as crianças. Dado que, os pais ao enviarem os filhos para a escola com objetivos primeiros de receberem presentes, como: roupas, sapatos, produtos de higiene, outros objetos e alimentos, os indígenas foram aos poucos se aproximando da escola e aumentando o índice de frequência. Como também, as crianças estavam em processo de formação, no que se refere à cultura e os saberes tradicionais, dessa forma, manifestavam

[6]Documento do Posto Indígena Francisco Horta. julho 1966. Museu do Índio, Rio de Janeiro. (microfilme n.7, planilha 91).

e-ISSN: 2318-1540

menor resistência quando comparadas com os adultos. Assim, a presença indígena na escola passou a ser também uma forma de resistência, ao estabelecerem relações com os missionários, com a sua cultura e os seus conhecimentos, os indígenas buscaram formas de permanecerem frente às novas condições que estavam sendo impostas na RID.

Deste modo, o projeto civilizatório dos missionários era "[...] desenvolver a Escola, 1º Evangelizando, 2º Alfabetizando e 3º cercando as crianças de mais cuidado sem o qual o futuro deste povo é negro e sem esperança" (O ESTANDARTE, 15 abr. 1946, p. 3). Com isso, era preciso evangelizar, alfabetizar e civilizar as crianças indígenas, por meio da imposição de novos hábitos, comportamentos, costumes, de novas práticas culturais e religiosas. Para isso, a "escola da missão" contou com a imprensa protestante que divulgavam por meio de materiais impressos, como jornais e revistas, conteúdos que disseminavam e inculcavam a necessidade e importância da religião cristã para a salvação e progresso individual e social, do trabalho, da higiene da família, da disciplina, da civilidade, do patriotismo e educação doméstica.

O Projeto Protestante de Educação e "Civilização" presente nas páginas da Revista *Bem-Te-Vi*

Conforme já tratado anteriormente, a educação escolar teve início na Reserva entre os anos de 1929 e 1930 por meio da alfabetização de adultos via a cristianização, com a realização de cultos e aulas dominicais (CARVALHO, 2004). Os missionários buscaram, então, via estratégias escolares, evangelizar, "civilizar" e integrar os Kaiowá, Guarani e Terena no projeto de desenvolvimento da nação. Romanelli (2014) aponta que no Brasil, nesse período, ainda de Primeira República (1889-1930), as estratégias de escolarização mantiveram os valores das camadas dominantes que por interesses particulares organizaram uma forma de ensino fragmentada e totalitária. As práticas escolares continuavam a excluir os indivíduos que não pertenciam às elites dominantes por meio de um ensino, que tinha em suas práticas o monopólio cultural.

Para os missionários metodistas e presbiterianos, a presença da MEC na Reserva tiraria os indígenas da situação de incivilidade e os tornariam pessoas civilizadas e com aptidões para o trabalho agrícola e doméstico, logo desenvolvidos. Para isso, seria então

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

necessário que os indígenas aderissem aos novos costumes e passassem a praticar novos hábitos quanto ao trabalho, à saúde e à religiosidade (CARVALHO, 2004). Com base na teoria positivista é possível apreender que a escolarização buscou alcançar o aperfeiçoamento do indígena, promovendo o seu desenvolvimento e a organização social.

Esse perfil de pessoa civilizada, desenvolvida, moderna, comportada, religiosa, escolarizada, trabalhadora e higiênica, foi desenvolvido e inserido entre as crianças indígenas e não indígenas, com objetivo de desenvolver o indivíduo e a sociedade. Deste modo, "Ainda que divergentes entre si, os projetos laicos ou religiosos, os projetos liberais ou positivistas apresentam em comum a necessidade de moldar a infância para a modernidade" (PANIZOLLO, 2014, p. 289).

Desta maneira, para o alcance do desenvolvimento dos indígenas via a inserção de novos conhecimentos, hábitos e práticas culturais, a "escola da missão" contou com os assuntos abordados na revista *Bem-te-vi*. Criada pelos metodistas para atender o público infantil, a Revista teve seu primeiro número mensal publicado em 1922, com edição até o presente. Até o ano de 1967 foi elaborada com o propósito de atender de forma especial as crianças cristãs, sem restrição a denominação religiosa, a partir deste período, sua publicação passou a ter "[...] um caráter instrumental voltado à catequese metodista, tendo sua destinação especificamente voltada para uso nas aulas das escolas dominicais" (PANIZZOLO, 2014, p. 274).

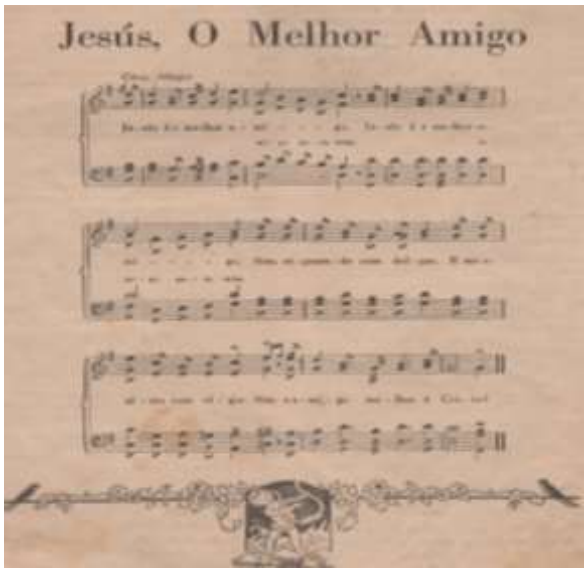
A revista *Bem-te-vi*, no período aqui estudado, de primeira metade do século XX, trazia em seus números mensais histórias com mensagens religiosas, com objetivo de formar crianças comportadas, cristãs, bondosas e obedientes. Para despertar o interesse das crianças para a leitura, a presença de animais nas histórias era marcante, como gatos, cachorros, cavalos, coelhos, elefantes e outros. É preciso reconhecer que a presença de animais nas histórias contribui com a construção do cuidado e carinho das crianças para com os animais.

Além das histórias religiosas, os hinos com suas respectivas partituras trazidas pela Revista somavam-se aos objetivos dos metodistas de propagar a fé cristã e aumentar o número dos fiéis protestantes. Assim como a bíblia foi um instrumento de conversão (MENDONÇA, 2008), os hinos também foram um instrumento utilizado pelos missionários protestantes para converter os indígenas ao cristianismo. Havia na RID um côro indígena que cantava hinos em

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

português e em guarani (O ESTANDARTE, 15 maio, 1950). A título de ilustrar a reflexão realizada sobre as contribuições dos hinos na conversão de fiéis ao cristianismo, entre eles os indígenas, segue uma imagem presente nas páginas da revista *Bem-te-vi*.

Figura 1: Hino Metodista



FONTE: Revista Bem-te-vi, mar. 1942, p. 67.

Ante o exposto, é possível constatar que a "escola da missão" manteve em seu projeto de escolarização a transformação dos indígenas da Reserva, tendo em vista o perfil de sujeitos trabalhadores, com civilidade e cristãos. Nesse contexto, afirmava-se a efetividade do projeto escolar indigenista, que se manteve por meio do ensino do evangelho, com estratégias de aniquilar a cultura das etnias indígenas, com justificativas coloniais de selvageria e atraso, "[...] vivem ainda no seu antigo e primitivo estado de homem da selva, vivendo quase nus, e tocas de palha" (O ESTANDARTE, 25 abr. 1929, p. 11). Logo, era necessário entrar "[...] nas selvas para buscar o selvícola à civilização e ao conhecimento do Evangelho" (O ESTANDARTE, 9 maio, 1929, p. 14).

Nesse contexto, foram sendo construídas representações sobre os povos indígenas que não os representavam. Assim, os estudos precisam problematizar as estratégias de escolarização utilizadas pelos missionários, permitindo reflexões sobre o "[...] discurso histórico como uma representação e uma explicação adequada da realidade que aconteceu"

e-ISSN: 2318-1540

(CHARTIER, 2011, p. 25). Visto que, as imagens negativas utilizadas pelos missionários como representações dos indígenas, de fato não os representavam, foram utilizadas como justificativas para evangelização, "civilização" e integração das etnias a sociedade nacional.

Dito isto, de acordo com Chartier (2011), pode-se dizer que as relações construídas e mantidas, ao longo do tempo, entre os indígenas e os missionários na Reserva e na escola, permitiram análises sobre as representações dos/e sobre os Kaiowá, Guarani e Terena, apresentando a realidade das apropriações e resistências mantidas nos contatos estabelecidos por meio de estratégias de evangelização e escolarização. Sendo assim, por meio das fontes elegidas pelo pesquisador em seu processo de investigação, é preciso "[...] ultrapassar a barreira simbólica em que ela se constitui para a compreensão do próprio pesquisador. É findar com a ilusão positivista de que nos reportando a elas, estamos nos reportando aos fatos como eles aconteceram [...]" (NUNES, 2005, p. 72).

Entre os conteúdos de educação protestante trabalhados com os indígenas da RID, pode-se destacar a educação doméstica. O Conteúdo presente nas edições da revista *Bem-te-vi* deixava evidente a circulação de receitas direcionadas as crianças. Entre algumas das receitas presentes na Revista estão: bolo de castanhas, suspiros de tâmaras, pão de nozes e tâmaras, torta de banana nanica, doce de goiaba, batida de banana e abacaxi, pão de gengibre, bolinhos de maçã, entre outras. É possível verificar que as receitas, em sua maioria com ingredientes doces, buscavam agradar o paladar das crianças, incentivando assim o interesse pelos serviços domésticos, em especial, pelo preparo dos alimentos.

As receitas trazidas nos conteúdos abordados pela Revista tinham como objetivo educar as crianças para os serviços domésticos, por meio de uma educação que priorizava o ato de cozinhar, organizar, limpar e servir a família. Como a Revista não foi elaborada para a realidade das crianças indígenas da RID, contudo foi utilizada nas aulas desenvolvidas na "escola da missão", os ingredientes e utensílios domésticos necessários para o preparo das receitas, não pertenciam a realidade cultural dos indígenas, logo, o uso da Revista no trabalho escolar na RID, não atendia a realidade cultural, social, econômica e religiosa das etnias, impondo novas práticas de organização social e familiar que não os representavam.

A imagem que segue apresenta duas das receitas citadas:

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Figura 2: Receitas



• Petiscos para os Bem-Te-Vistas •

BOLO DE GENGIBRE

1/2 copo de açúcar
1/2 copo de manteiga
1 ovo
1 copo de melado
2 1/2 copos de farinha de trigo peneirada
1 1/2 colher de chá de bicarbonato de sódio
1 colher de chá de canela
1 colher de chá de gengibre
1/2 colher de chá de cravo em pó
1/2 colher de chá de sal
1 copo de água quente.

Bata bem a manteiga com o açúcar. Acrescente o ovo batido, o melado e por fim os ingredientes secos depois de terem sido misturados. Ajunte a água quente e bata até ligar bem a massa, que ficará um tanto mole. Leve ao forno em assadeira untada. Quando pronto, corte em pedaços.

BOLINHOS DE MAÇÃ

1/2 copo de manteiga
1/2 copo de passas
1 copo de açúcar
2 copos de farinha de trigo
1/2 colher de chá de fermento inglês
1 colher de chá de bicarboneto de sódio
1 copo de puré de maçã.

Corte em pedaços e ponha a cozinhar com água, 2 maçãs de tamanho regular. Isto pronto, passe em peneira fina e meça um copo cheio desse puré de maçã. Peneire a farinha de trigo com o fermento inglês. Misture o açúcar com o bicarbonato de sódio. Bata bem a manteiga. Acrescente, aos poucos, o açúcar, mexendo até formar um creme. Ajunte então o puré de maçã, as passas e por fim a farinha, batendo tudo muito bem.

Unte forminhas com manteiga e encha pouco mais da metade delas com a massa. Aqueça o forno antes de as pôr a assar. Quando prontos os bolinhos, podem ser cobertos com o seguinte coberto: Ajunte a meio copo de açúcar meia colher de sopa, de nata, e meza bem até formar uma parta consistente, que espalhe sobre os bolinhos.

Abril 1938 [91]

FONTE: Revista Bem-te-vi, abr. 1938, p. 91.

Além do conhecimento sobre os ingredientes e preparo das receitas, a imagem permite constatar a proximidade priorizada na Revista entre os animais e as crianças, e compreender o ideal de formação da criança empreendido pelos metodistas. Uma formação mantida pela proximidade com os serviços domésticos voltados para a formação de mães moldados por princípios religiosos e familiares. E, no caso, do trabalho realizado na "escola da missão", tinha por objetivo transformar o modo de organização dos indígenas.

Ao que se refere às estratégias de escolarização utilizadas na "escola da missão", ainda é possível destacar o ensino sobre novos hábitos quanto à higiene, o fim do alcoolismo, o uso de novas vestimentas características da região e a política de inserção e importância do

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

trabalho, com particularidade para os trabalhos agrícolas (LOURENÇO, 2007). Essas estratégias possuíam como objetivo inserir os indígenas na sociedade não indígena, excluindo a sua cultura. Para isso, era preciso "[...] difundir conhecimentos de higiene e agricultura, entre os índios, integrando-os numa vida melhor", símbolos do aperfeiçoamento do homem e do progresso (O ESTANDARTE, 10 junho, 1940, p. 3).

A importância e necessidade da higiene pessoal e familiar foram enfatizadas pela revista *Bem-te-vi*, em seu número publicado em março de 1942, trouxe uma história com o título: "O Banho na Terra da Saúde" (REVISTA BEM-TE-VI, março 1942), em que utiliza a imagem de um elefante e de um menino para representar a importância do banho. Parte da história deixa a seguinte mensagem: "[...] Os banhos deixam a gente com uma sensação agradável de limpeza e com todos os músculos vibrando" (REVISTA BEM-TE-VI, março 1942). A prática de higienização da família foi muito trabalhada na "escola da missão", visto que, de forma equivocada, errônea e preconceituosa, os missionários protestantes classificaram os indígenas como sujos:

> É fácil amar crianças brancas, de cabelos anelados, olhos vivos, bem vestidas, bem calçadas, inteligentes e ricas; filhos de "papai e mamãe" – Mas amar um entezinho magro, feio, cabelos duros, sujos e compridos, famintos de tal maneira que quer comer a nossa mão quando a estendemos oferecendo um pedaço de pão; que dorme na cinza ao redor do fogo como cachorrinho, que geme de fome e frio? [...] (O ESTANDARTE, 20 fev. 1942, p. 8).

Assim, por meio da educação escolar, tanto o SPI quanto a MEC desenvolveram um trabalho de assimilação e integração dos indígenas ao ideal de nacionalidade defendido pelos missionários protestantes, consequência de todo um processo aristocrático pelo qual passou a educação. Esse ideal de nacionalidade, organização social e desenvolvimento do homem no entendimento da teoria positivista, só pode ser alcançado pela educação positiva.

Logo, as estratégias de escolarização provocaram transformações na vida social, cultural, econômica, religiosa e étnica das etnias em estudo, visto que, de acordo com Burke (2000), toda história é produto de uma época. Portanto os contatos mantidos entre indígenas e não indígenas desde a colonização foram estabelecendo relações de trocas, rupturas e

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

assimilações. O mesmo ocorreu com os missionários e os indígenas da RID, os quais, por meio da escolarização, mantiveram relações de rupturas como também de trocas.

Segundo Chartier (1990, p.17), as percepções sociais

> [...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Os estudos sobre a história e a memória dos sujeitos em espaços escolares permitem compreender por meio das práticas os valores de um grupo social sobre o outro, de forma a estabelecer transformações no modo de vida dos sujeitos tidos como inferiores ao estágio social não indígena, como ocorreu com a atuação dos missionários protestantes na Reserva.

Nesse contexto, as ideias de ordem e progresso relacionadas ao positivismo de Comte aparecem na escola como disciplina/ordem e educação/ciência. Pelo conceito de progresso, o aluno deve passar pelo estágio das abstrações e chegar à fase adulta, que se encontra no estado positivo. Deste modo, o sacerdócio positivo requer uma maturidade que é alcançada mediante o conhecimento científico. Logo, "[...] educar para a cidadania seria [...] educar para superar a fase infantil dos instintos e atingir a fase adulta do raciocínio e cálculo" (ARROYO, 2003, p. 66).

O processo de evangelização e a escolarização das etnias da Reserva para os missionários da MEC levariam os indígenas para a fase adulta, na qual teriam, então, avançado o seu estágio primitivo, alcançando a maturidade/civilização por meio dos conhecimentos passados na escola. Assim, por meio de novos hábitos, teriam uma preparação individual e social que os tornariam pessoas capazes de alcançar o progresso nacional, via o desenvolvimento no trabalho, das novas organizações sociais, familiares e culturais.

Portanto, é possível compreender que os conteúdos abordados na revista *Bem-te-vi* somados com as contribuições do espírito positivista no campo da educação, provocaram transformações no modo de ser indígena, contudo, ante as imposições inseridas via as estratégias de educação, os indígenas se reorganizaram para garantirem e assegurarem a sua existência física e cultural.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Considerações Finais

Na educação direcionada aos indígenas da RID, é possível constatar que a imprensa evangélica contribuiu com o projeto de evangelização e "civilização" por meio de conteúdos que priorizaram a formação de sujeitos cristãos e civilizados, alcançando assim o estado de desenvolvimento proposto pelo conhecimento positivo.

Assim, com estratégias de escolarização que priorizaram a formação de sujeitos aptos, em especial, ao trabalho agrícola e doméstico, os professores missionários foram atuando na Reserva com o objetivo de formar uma nova comunidade indígena, a qual se distanciasse dos seus costumes aderindo a novos hábitos quanto a higiene, aos serviços domésticos, a organização familiar e social, a proximidade com os animais domésticos, e a relação com o ambiente, que os tornariam pessoas "desenvolvidas".

Contudo, ante as imposições religiosas e educacionais, os indígenas foram desenvolvendo ao seu modo formas de se relacionarem com os não indígenas, em particular os missionários metodistas e presbiterianos, ante ao projeto indigenista de "civilização", integração e evangelização, instaurado na Reserva na primeira metade do século XX.

Cabe registrar, que no cenário multiétnico em que os indígenas passaram a conviver, as relações educacionais, religiosas, de doações e trocas, realizadas entre os indígenas e os missionários protestantes, foram imperativas para a sobrevivência e o convívio com os missionários, os demais não indígenas e as diferentes etnias, que passaram a ocupar a Reserva de modo forçado, ao passo que foram sendo expulsos dos seus territórios tradicionais.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. *Educação e cidadania*: quem educa o cidadão? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BURKE, Peter. Origens da história cultural e unidade e variedade na história cultural. In:_____. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

e-ISSN: 2318-1540

CARVALHO, Raquel Alves de. A Missão Evangélica Caiuá: instalação e organização. *Revista de Educação do Cogeime*. Ano 13 – nº 25, dezembro de 2004.

COMTE, Auguste. Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo. In: _____. *Os pensadores*. (Coleção). Tradução José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 69-75.

COMTE, Auguste. Catecismo positivista. In: _____. *Os pensadores*. (Coleção). Tradução Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 95-131.

CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. *Fronteiras*: Revista de História/Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, v.13, n 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. *História cultural*: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de janeiro: Bertrand Brasil. (Memória e Sociedade), 1990.

HUNT, Lynn. *Nova história cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOURENÇO, Renata. *O Serviço de Proteção aos Índios e o estabelecimento de uma política indigenista republicana junto aos índios da Reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968)*. 2007. 250f.Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, 2007.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NUNES, Clarice. Interrogando a avaliação dos trabalhos de história da educação: o inventário de uma prática. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 63-83.

PANIZZOLO, Claudia. A revista Bem-te-vi e o projeto civilizatório metodista nas mãos da criança brasileira. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá-PR, v. 14, n. 2 (35), p. 271-293, maio-ago., 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930-1973*). 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, C. M. N.; NASCIMENTO, C. V.; ZICA, M. C. Imprensa e educação na segunda metade dos oitocentos. In: MIZUTA, C. M. M.; FARIA FILHO, L. M.; PERIOTTO, M.R. *Império em Debate*: imprensa e educação no Brasil oitocentista. Maringá: EDUEM, 2010. p. 223-251.

Documento

e-ISSN: 2318-1540

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS. *Documento do Posto Indígena Francisco Horta*. julho 1966. Museu do Índio, Rio de Janeiro. (microfilme n. 7, planilha 91).

Periódicos

O ESTANDARTE, n. 15, abril – 1929.

O ESTANDARTE, n. 17, maio – 1929.

O ESTANDARTE, n. 13, junho – 1940.

O ESTANDARTE, n. 5, fevereiro, 1942.

O ESTANDARTE, n. 9, maio, 1950.

O ESTANDARTE, n. 7, abril, 1946.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XI, n. 12, dez. 1933.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XVI, n. 4, abr. 1938.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XIX, n. 2, fev. 1941.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XX, n. 3, mar. 1942.

Enviado: 30/06/2020
Aceito: 31/08/2020